

A GREVE DOS BÓIAS-FRIAS EM SÃO PAULO

Cláudio Perani

(Publicado originalmente nos *Cadernos do CEAS* n.º93, set./out. 1984, p. 17-23)

No dia 15 de maio de 1984, a pequena cidade de Guariba, com 25 mil habitantes, situada na região da cana de Ribeirão Preto - São Paulo, foi invadida por uma multidão de mais de 1.000 bóias-frias. Incendiaram e demoliram dois prédios da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), atearam fogo a três veículos da mesma e saquearam um supermercado. Os bóias-frias tinham entrado em greve. Os caminhões dos "gatos" foram recolher em vários pontos da cidade cerca de 10 mil trabalhadores rurais para conduzi-los às usinas, mas os motoristas eram obrigados a parar por causa dos piquetes. Um dos canaviais da Usina São Carlos foi incendiado.

A Polícia Militar, com cerca de 200 homens, chegou jogando bombas de gás lacrimogêneo; houve tiroteio com um morto (Amaral Vaz Meloni de 49 anos, aposentado) e 29 feridos. Também a Polícia Federal esteve presente.

Dois motivos imediatos contribuíram para a revolta dos trabalhadores rurais. O principal foi a decisão dos usineiros de mudar o sistema de corte de cana de açúcar estabelecendo 7 ruas ao invés de 5 como era antes. Com isso o trabalhador era obrigado a carregar a cana cortada até os montes, diminuindo sua produção. Pelo sistema de 5 ruas chegava a colher 150 metros por dia, enquanto pelo de 7 esse rendimento caía para 90 metros. A outra causa foram os constantes aumentos das taxas de água. Na véspera da revolta houve novo aumento, totalizando 900% em um ano.

Os bóias-frias reuniram-se em assembléia e apresentaram 21 reivindicações, na maioria atendidas pelos usineiros depois de três dias de greve. "Foi uma grande vitória de todos os trabalhadores rurais", conforme explicou muito emocionado o bóia-fria Caetano Faria dos Santos. Clemência Dias Pereira estava radiante: "Ontem a noite dormi tão tranqüila que cheguei a sonhar". E outro trabalhador: "Eu não me contive. Chorei de emoção. Era um nó que estava 25 anos na garganta".

A Situação dos Bóias-Frias

Na região de Ribeirão Preto cerca de 110 mil bóias-frias estão empenhados no corte da cana. Muitos eram pequenos sitiantes, mas acabaram perdendo suas terras e foram se instalar nas periferias das cidades. Outros vieram de fora - Minas Gerais, outras áreas de São Paulo, Nordeste -, quando em 1975 se instalou o projeto Proálcool.

Grande é o lucro gerado na região de Ribeirão Preto com a produção de açúcar e álcool (em torno de Cr\$ 10 bilhões), mas é apropriado por 4 ou 5 famílias donas das Usinas Silo Martinho - a maior do Brasil, de propriedade do Grupo Ometto -, Bonfim, São Cados e Santa Adélia. Até os próprios recursos destinados ao lazer, educação e saúde do empregado da usina (2% do preço do litro do álcool e 1 % do valor da saca de açúcar) são aplicados pelos usineiros para construir piscinas e comprar helicópteros, segundo o deputado Waldir Trigo (PMDB).

Os trabalhadores rurais ficam numa situação de fome.

O trabalho é muito pesado. O bóia-fria levanta às 4 da madrugada, depois de ter preparado na véspera a comida; faz 2 horas de caminhão antes de chegar no lugar de trabalho; corta a cana de 7 às 10, de 11 às 14 e das 15 às 17, tomando nos intervalos a comida fria; volta no fim do dia com mais 2 horas de viagem. Os acidentes são muitos, seja no transporte sem condições (cada semana há mortos), seja no manejo do facão (15-20 acidentes por mês acontecem numa usina).

O ganho é pouquíssimo. Com duro esforço os trabalhadores conseguiam uma média de 130-150 mil por mês. Ganhavam 1200 por tonelada, cortando 5-6 toneladas por dia. Com o regime de 7 ruas conseguem fazer 4 ou 4,5 toneladas, reduzindo com isso a produção a 60-70%, perfazendo no mês só 1 salário mínimo. Acrescente-se que devem pagar seus instrumentos de trabalho (lima, facão, marmita...) que se gastam em pouco tempo e, sobretudo, que ganham isso só durante a safra: o resto do tempo - 6 meses - não têm trabalho ou vivem de biscate.

Os bóias-frias são tratados como **pessoas de segunda categoria**. Por serem considerados trabalhadores temporâneos, as fazendas não assumem responsabilidades trabalhistas. Aproveitam-se do "gato", ou empreiteiro, que leva os trabalhadores para as plantações e recebe um tanto por cabeça, descontando daquilo que o trabalhador deveria receber.

Devemos considerar também o aumento do custo de vida. Um quilo de feijão equivale a umas 2 toneladas de cana. E preciso cortar 4 toneladas para pagar a conta da água. Em Guariba, como noutros lugares, as taxas aumentavam continuamente, sendo que 60% da população pagava 5.300 por mês, podendo chegar até 80.000. Um exemplo de como vivem esses homens é Augusto Alves Fonseca. Tem 9 filhos pequenos e ganha, juntamente com a esposa, 150 mil cruzeiros no corte da cana. Paga 80.000 de água e acumula dívida de 280.000 no supermercado. I Na marmita do cortador de cana quase sempre não tem carne. Às vezes um ovo, uma salada, uma batata. Em tempos de aperto, só arroz com feijão, ou mesmo puro, temperado só com sal.

A Luta

A coragem e a união dos bóias-frias conseguiram a vitória contra os usineiros. Desde o 2 de maio de 1983 os trabalhadores da região de Jaboticabal vêm alertando para a extorsão representada pelo aumento do número de ruas de corte de 5 para 7. Os trabalhadores já fizeram greve há um ano e nada conseguiram.

Essa vez, sentindo que a luta era para valer, patrões e empregados sentaram-se à mesa de negociação. Os bóias-frias não sabiam o que era isso há mais de 20 anos. Durante todo esse tempo, eles foram aguentando. Até que no dia 15 de maio os de Guariba explodiram. E para valer.

O movimento grevista de Guariba surgiu "espontaneamente", segundo o próprio presidente do STR, Benedito Vieira de Magalhães, "sem nenhuma influência externa". Ele próprio, apesar de estar há 17 anos na presidência do sindicato, não tem muita ascendência sobre a categoria. Segundo o Secretário do Trabalho Almir Pazzianotto, os chamados líderes sindicais da região não têm liderança nenhuma e "a massa de trabalhadores passou por cima deles".

A negociação, porém, acabou sendo conduzida por líderes sindicais e advogados trabalhistas de outras regiões. Quando a greve começou, deram seu apoio dirigentes da Federação dos Trabalhadores da Agricultura, vereadores e deputados do PMDB e do PT, dirigentes da CUT, o coordenador da CPT estadual...

Como sempre acontece nesses casos, para não reconhecer a gravidade da situação e a capacidade dos trabalhadores, as autoridades procuraram outros responsáveis. O prefeito de Guariba achou que tinha "dedo de fora". O Ministro do Trabalho disse que pessoas estão "agitando a massa trabalhadora". A Polícia Federal esteve presente para levantar os prováveis políticos que estariam liderando os bóias-frias.

A Vitória

A greve valeu a pena. Segundo Leopoldo Paulino, advogado da Fetaesp, em 30 anos nunca se conseguiu na Justiça tanta coisa junta para o trabalhador como neste caso com apenas três dias de greve. Os bóias-frias conseguiram quase tudo que reivindicaram. Eis os principais pontos de acordo:

- Sistema de corte reduzido de 7 para 5 ruas.
- Aumento do preço do corte por tonelada de 1.200 a Cr\$S 1.740, podendo chegar a Cr\$ 240.000 por mês.
- Registro de carteira obrigatório.
- Recibo de pagamento mensal em envelopes contendo o valor do salário.
- Descanso semanal remunerado.
- Pagamento do dia quando a chuva não permitir o trabalho.
- Se o cortador ficar doente, a empresa pagará seu salário normal por 30 dias.
- Os patrões fornecerão todos os equipamentos.
- Condução gratuita.
- Garantia de emprego por 8 meses.

O acordo ratificou também conquistas antigas dos trabalhadores rurais, como registro em carteira, recebimento de férias e 13º salário, pagamento dos direitos em caso de rescisão dos contratos. Direitos elementares, mas que não eram cumpridos.

A Luta Continua

O acordo foi aprovado. Resta saber como será aplicado e como continuar a luta por outras reivindicações. Os bóias-frias prometem retomar o movimento se o acordo não for cumprido. "E se voltarmos, será para valer!" Já existem as primeiras queixas do STR Guariba dizendo que o acordo não está sendo respeitado pelas usinas e fornecedores de cana da região e conhecemos a grande capacidade dos patrões e não cumprir o que assinam.

Há o problema da **fiscalização**: quem vai controlar o cumprimento do acordo? Sabemos da fraqueza dos sindicatos da região e da grande facilidade dos usineiros em não manter a palavra do acordo.

Há o problema do "**gato**", o intermediário que explora mais uma vez a mão-de-obra. As autoridades sugerem a implantação de cooperativas de trabalhadores volantes, que seriam nada mais do que uma forma mais institucionalizada de intermediário. Só sindicatos fortes poderiam substituir os "gatos" como intermediários na contratação da mão-de-obra.

Há o problema mais geral da **organização** dos bóias-frias, para eles poderem em cada momento capitalizarem a força demonstrada na revolta.

Entretanto, a luta continua e amplia mais por iniciativa dos próprios interessados. Os movimentos dos bóias-frias se estendem a todo o Estado de São Paulo, e fora dele também.

Entraram em greve bóias-frias de Barrinha, Barretos (organizando piquetes), Monte Alto (saqueando um supermercado), Monte Azul (fazendo uma passeata), Sertãozinho (15 mil empregados pararam as usinas), Santa Rosa de Viterbo, São Joaquim da Barra (2 mil bóias-frias), Jaú (fazendo piquetes), Pontal (8 mil bóias-frias, conseguindo a eliminação do "gato"), tirneira e Iracemápolis (5 mil bóias-frias e trabalhadores de usinas); Avanhadava, Promissão, Penápolis, Lins, Getulina, Alto Alegre, Barbosa, Buritema, Araca-tuba. O movimento está se expandindo como uma mancha de óleo. Também fora do Estado de São Paulo. Em Santa Helena (Goiás)

entraram em greve 4.000 bóias-frias; no Paraná 20 STRs se solidarizaram com o movimento de Guariba; Em Uberaba, 3 mil bóias-fria entraram em greve e conseguiram um aumento de Cr\$ 900 para 2.100 ... O exemplo de Guariba está se espalhando!

A revolta não ficou no âmbito dos cortadores de cana, mas se estendeu aos trabalhadores volantes de outras culturas. Contemporaneamente aos acontecimentos de Guariba, em **Bebedouro**, cidade próxima, 6 mil apanhadores de laranja entraram em greve reivindicando um aumento de Cr\$100 para Cr\$ 200 por caixa colhida.

Houve organização de piquetes e a presença de 300 policiais-militares reprimido, invadindo casas de trabalhadores e espancando senhoras e crianças. Depois de três dias de greve conseguiram Cr\$ 210 por caixa, sabendo porém que dessa importância devem ser deduzidas as parcelas de descanso semanal remunerado, férias, 13º salário e indenizações que ficam na mão do empregador, salvando um pagamento líquido de Cr\$ 144.

Em **Jaboticabal** os trabalhadores temporários das chamadas "lavouras brancas" (arroz, feijão, milho, cebola, amendoim, soja) reivindicaram o pagamento de uma diária de Cr\$ 10 mil, além dos outros direitos trabalhistas.

ENSINAMENTOS E QUESTIONAMENTOS

Vários comentários estranharam essa improvisa revolta dos bóias-frias. Outros, ao contrário, relevaram o atraso com o qual ela chegava. Essa conclusão considerava a situação de extrema exploração em que se encontravam os trabalhadores rurais da região de Ribeirão Preto.

Já vimos, brevemente, na primeira parte, a situação de fome. Trata-se de milhares de trabalhadores que vivem em condições de extrema miserabilidade, inacreditáveis mesmo num sistema de "capitalismo selvagem" Em 1975, Maria Conceição D'Incão e Mello levantava a renda familiar de uma região próxima e semelhante àquela de Ribeirão Preto: 90% das famílias de bóias-frias tinham uma renda familiar mensal até os 60% do salário mínimo, 74% até os 40% do SM e 30% até os 20% do mesmo. De lá para cá, com o deterioramento do poder aquisitivo do salário e com o contínuo aumento do custo de vida, podemos imaginar o que pode significar a sobrevivência para milhares de famílias que vivem unicamente do salário.

Faz dez anos o projeto Proálcool entrou na região aumentando a área plantada com cana nas terras mais nobres e de maior fertilidade. Com isso, o Proálcool vinha forçando uma excessiva concentração de terras, aumentando o número de pequenos produtores que acabavam vendendo suas propriedades e migrando para as cidades, quase sempre para sub-empregos. Com esta escassez de terra e com a abundância de mão-de-obra, favorecida também pela crise recessiva e pelo desemprego nas cidades, eram dadas as condições para a formação de um grande proletariado rural.

Seu único recurso é a força de trabalho oferecida como mercadoria grandemente explorada pelas usinas. Estas faziam questão de aumentar tal exploração: além do baixíssimo salário e do inadimplemento dos direitos trabalhistas mais elementares, ultimamente passaram a exigir o corte de cana por 7 ruas em lugar de 5.

Ficava assim configurada uma situação altamente explosiva. Segundo a D'Incão, a região de Ribeirão Preto pode ser considerada o "ABC da agricultura brasileira".

As Reivindicações dos Bóias-frias

Constatamos que as reivindicações dos trabalhadores colocaram prioritariamente o problema do salário, seu aumento e o controle da produção; contemporaneamente entraram outros direitos trabalhistas e as condições de trabalho, sem esquecer o problema do transporte e da saúde. Além disso devemos lembrar que o estopim da revolta foi o problema do aumento da água na cidade de Guariba.

São reivindicações eminentemente proletárias, de uma situação de vida em que a reprodução depende unicamente do salário. Este é o problema imediato. E são reivindicações tipicamente urbanas ou com características mais urbanas que rurais.

Em nenhum momento fala-se de terra como no caso dos trabalhadores da cana do Nordeste que lutam pelos dois hectares. Parece ter desaparecido a esperança de conquistar ou reconquistar uma terrinha. Já não se acredita mais nesta possibilidade. Não significa que a terra tenha desaparecido totalmente do horizonte destes trabalhadores. Simplesmente, a nova questão central imediata que aparece no rural/urbano é o salário. É pelo salário que os bóias-frias questionam e enfrentam diretamente o capital.

Isso deve ser reconhecido para poder acompanhar corretamente as lutas dos assalariados rurais. Uns dirigentes sindicais têm dificuldade para essa interpretação: "Seria capitularmos frente a uma aspiração do trabalhador rural que é o direito à posse de terra".

Afirmar a prioridade do salário, não significa excluir a relação com a terra nem concluir que essa última é insignificante. Significa reconhecer a nova questão do salário e dos direitos trabalhistas não só como problemas mais imediatos, mas como caminho concreto para enfrentar o capital.

Também não se trata de negar a importância de uma reforma agrária, mas de questionar o poder mobilizador de determinadas apresentações. A luta reivindicando o salário, ela também, pressiona por uma reforma agrária, mas de outra maneira, por outros caminhos que devem ser reconhecidos em sua especificidade sob pena de se ficar na teoria abstrata.

Como Surgiu a Revolta

Quase todos os comentários sobre o movimento de Guariba, contemporaneamente à manifestação de sua surpresa, afirmam que foi um movimento "espontâneo", que eclodiu de forma espontânea. Os próprios líderes sindicais ficaram surpreendidos, reconhecendo que a explosão da base passou por cima de muitos dirigentes sindicais.

Podemos concordar no reconhecimento da "espontaneidade" do movimento, mas somente no sentido de não ter seguido esquemas ou planos pré-estabelecidos e de não ter obedecido a nenhum controle central. De fato, não foi preparado por organizações institucionalizadas, nem pelos próprios sindicatos, que não são em sua maioria reconhecidos pela massa dos bóias-frias.

Isso não significa afirmar uma geração espontânea ou a ausência de toda e qualquer causa. Em primeiro lugar, deve ser reconhecida a situação explosiva acima brevemente retratada. Existe um conflito de classe latente que provoca uma constante insatisfação com a situação real e uma expectativa permanente de melhores condições de vida. A situação de fome determina um descontentamento acumulado. Além do mais, Guariba é uma região com tradição de luta, onde várias greves foram realizadas no passado.

Mas não é só isso. A "espontaneidade" significa ausência de determinados canais tradicionais e conhecidos de conscientização e de organização, mas não ausência de toda e qualquer iniciativa

nesse sentido. Houve um trabalho prévio, miúdo, de contatos e conversas no barzinho, no caminhão, durante as interrupções do trabalho..., feito pelos próprios trabalhadores. A "espontaneidade" esconde um trabalho cotidiano de conscientização e organização, invisível à opinião pública, mas não menos eficaz.

Tal trabalho é possível e tem eficácia porque na região já existe alguma estabilidade entre os trabalhadores rurais. Apesar de volantes, eles têm trabalho assegurado por 6 meses, moram nos mesmos bairros, não têm uma terrinha própria para voltar depois da colheita. Existe um mínimo de estabilidade e identidade: "Enquanto os bóias-frias de outras regiões do país não têm identidade, os trabalhadores da região de Ribeirão Preto iniciaram um processo de auto-identificação como categoria de trabalhador: eles se consideram cortadores de cana e isso é pré-condição para qualquer organização".

A "espontaneidade", também, não significa a ausência de todo e qualquer trabalho de conscientização e de influência externa. Devemos reconhecer a presença da igreja atuando através da Comissão Pastoral da Terra, na linha de um trabalho de conscientização sobre os direitos trabalhistas e de apoio aos sindicatos combativos. No ano de 1983, depois de um estudo sobre a questão das 7 ruas, a CPT tinha denunciado a nova exploração.

Os sindicatos ficam distantes da problemática dos bóias-frias e limitados em sua atuação. Mas a partir do Congresso da Contag em 1979, que exigiu um maior trabalho sindical em favor da categoria dos bóias-frias, também na área de Ribeirão Preto foram feitas tentativas de educação sindical e trabalhista.

Por último, não podemos esquecer a situação de "abertura" política. Não tanto o fato de o Governador Montoro ter feito campanha política na região sobre os direitos trabalhistas, quanto o clima de mobilização criada no país pelas sucessivas concentrações em favor das diretas já.

As instituições, em particular os sindicatos, apareceram na hora da greve desenvolvendo um papel de negociadores. Leopoldo Paulino, advogado da FETAESP, no dia 16 de maio, chegou a Guariba onde juntamente com o presidente do STR de lá e os diretores da Fetaesp passou a trabalhar para que o movimento prosseguisse mais forte, mais organizado. Apareceu também o Secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto, muitas vezes preenchendo a ausência dos sindicatos. Mas ficou claro que estes não eram os canais dos trabalhadores que ficaram mais na praça que nas assembléias.

A Continuidade

"Os cortadores de cana-de-açúcar da região Sertãozinho - que responde por um quarto da produção de açúcar do país - poderão entrar em greve na próxima sexta-feira, caso os usineiros e outros fornecedores de cana não cumpram o acordo de Guariba, firmado há um mês". Vimos acima que já existem queixas contra os usineiros que não estão cumprindo o acordo. Os próprios bóias-frias de Guariba voltaram a fazer greve por esta razão.

O movimento dos bóias-frias de Guariba e Bebedouro foi certamente um grande marco na história das lutas dos trabalhadores. Conquistaram uma vitória significativa que, porém, deve ser avaliada com realismo.

A pressa com a qual os donos aceitaram as reivindicações, além de revelar a força do movimento, manifesta outras coisas. Existe a intervenção do governo de São Paulo que, além de dispersar os trabalhadores volantes, mobilizou os patrões através da mediação do usineiro e secretário do governo, Roberto Gusmão, para um acordo a ser assinado imediatamente e a ser estendido ao estado

todo apesar das dificuldades da Fetaesp. Havia o desejo de evitar novas greves e sobretudo o medo de incêndios nos canaviais não podendo assim cumprir os compromissos do Proálcool. Havia o receio de os sindicatos acrescentarem novas reivindicações. E também havia a confiança na possibilidade de não cumprir os acordos. Daí a necessidade de os bóias-frias permanecerem vigilantes e cobrarem em continuidade.

Além disso, coloca-se o problema mais amplo da organização dos trabalhadores. Apesar de importante, a vitória para melhores condições de vida é um triunfo relativo. O êxito deve ser visto mais a longo prazo, na capacidade de os trabalhadores constituírem uma união cada vez mais firme. Considerado o esvaziamento das organizações tradicionais, é importante reconhecer a novidade que se encerra no movimento de Guariba. Existe uma organização primária permanente que é a mais sólida. Como poderá crescer? Como fortalecê-la e institucionalizá-la? É certamente um problema difícil. O sindicato aparece bastante desgastado. A partir dessa experiência terá que pensar em transformações radicais. Certamente poderá servir na medida em que reconhecer essa organização de base, procurando respeitá-la e ajudá-la. Como isso poderá acontecer, é uma pergunta que fica em aberto. Fica claro que a caminhada continua sendo muito comprida.